

(FOTO)GRAFIAS INFANTIS DO COTIDIANO: o zoom crianceiro que resiste

*Manuela Rosa Machado Ribeiro
Larissa Ferreira Rodrigues Gomes*

Resumo

O artigo movimenta pensamentos sobre fotografia, infância e aprendizagens inventivas a partir das imagens capturadas por crianças de um Centro de Educação Infantil em Vitória/ES. A pesquisa, tecida em contexto pandêmico, problematiza as enunciações infantis e as imagens produzidas, tomando-as como potência na criação de sentidos para pensar currículos e modos de ser e estar no mundo. Tece fios com os pensamentos de Deleuze, Guattari, Kastrup e Leite, que nos ajudaram a pensar outros modos de aprender e produzir conhecimentos que escapam às lógicas dogmáticas. Trata-se de uma pesquisa cartográfica, realizada em redes de conversações com seis crianças, seus pais e mães, e quatro professoras. As conversações com professoras ocorreram individualmente, e com as crianças de forma coletiva, em encontros virtuais via *Google Meet*. O convite às famílias foi feito por *e-mail*, enviado pela coordenação da unidade. As câmeras foram deixadas pelas pesquisadoras nas casas das famílias, compondo com os tempos e afetos de cada casa. As imagens, ao escaparem da lógica da representação, provocaram deslocamentos e fizeram pensar outras formas de aprendizagem para além dos moldes pré-existentes. A fotografia, ao se misturar às experiências infantis, fez vibrar outras formas de estar na escola, criando brechas para composições que escapam ao que está posto e afirmam a diferença. Conclui-se que fotografar não apenas captura instantes, mas cria mundos, expandindo as possibilidades de composição entre crianças, imagens e escola.

Palavras-chave: educação infantil; fotografia; aprendizagem inventiva.

(PHOTO)GRAPHIES OF CHILDHOOD IN EVERYDAY LIFE: the Childlike Zoom that Resists

Abstract

The article moves thoughts on photography, childhood, and inventive learning through images captured by children in a Child Education Center in Vitória/ES. The research, woven in a pandemic context, problematizes children's enunciations and the images produced, taking them as a force in creating meanings to rethink curriculum and ways of being in the world. It interweaves threads with the thoughts of Deleuze, Guattari, Kastrup, and Leite. These authors helped thinking of other ways of learning and producing knowledge that escape dogmatic logics. This is a cartographic research, developed through networks of conversations with six children, their parents, and four teachers. The conversations with teachers were held individually, while with the children they occurred collectively via *Google Meet*. The invitation was sent to the families by email through the institution's coordination. The researchers delivered a professional camera to the homes of the participating families, in a rotation system, composing with the time and affections of each household. The images, by escaping the logic of representation, provoked displacements and made it possible to think of other forms of learning beyond pre-existing molds. Photography, intertwined with children's experiences, made other ways of being in school resonate, creating breaches for compositions that escape what is established and affirm difference. It is concluded that photographing does not merely capture moments but creates worlds, expanding the possibilities of composition between children, images, and school.

Keywords: early childhood education; photography; inventive learning.

(FOTO)GRAFÍAS INFANTILES DEL COTIDIANO: el Zoom Infantero que Resistes

Resumen

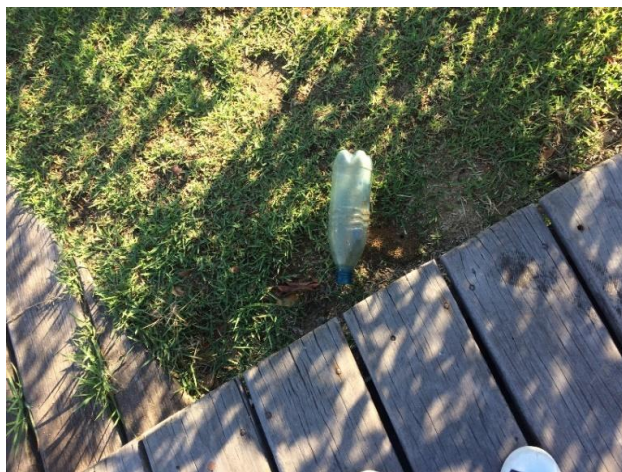
El artículo moviliza pensamientos sobre fotografía, infancia y aprendizajes inventivos a partir de imágenes capturadas por niños de un Centro de Educación Infantil en Vitória/ES. La investigación, tejida en un contexto pandémico, problematiza las enunciaciones infantiles y las imágenes producidas, tomándolas como una potencia en la creación de sentidos para pensar currículos y modos de ser y estar en el mundo. Teje hilos con los pensamientos de Deleuze, Guattari, Kastrup y Leite. Estos autores ayudaron a pensar en otras formas de aprender y producir conocimiento que huyen y escapan de las lógicas dogmáticas. Se trata de una investigación cartográfica, desarrollada a través de redes de conversaciones con seis niños, sus padres y madres, y cuatro docentes. Las conversaciones con las profesoras se realizaron de manera individual, mientras que con los niños fueron colectivas, a través de *Google Meet*. La invitación fue enviada a las familias por correo electrónico, por medio de la coordinación de la institución. Las investigadoras dejaron una cámara fotográfica profesional en los hogares de las familias participantes, en un sistema de rotación, componiendo con los tiempos y afectos de cada casa. Las imágenes, al escapar de la lógica de la representación, provocaron desplazamientos y permitieron pensar otras formas de aprendizaje más allá de los moldes preexistentes. La fotografía, al entrelazarse con las experiencias infantiles, hizo vibrar otras formas de estar en la escuela, creando fisuras para composiciones que escapan de lo establecido y afirman la diferencia. Se concluye que sacar fotos no solo captura instantes, sino que crea mundos, ampliando las posibilidades de composición entre niños, imágenes y escuela.

Palabras clave: educación infantil; fotografía; aprendizaje inventivo.

ENTRE CÂMERAS E CAMINHOS: UM CONVITE AO OLHAR INFANTIL

No meio do caminho, tinha uma garrafa. Uma garrafa que, para muitos, poderia ser apenas mais um objeto descartado ao chão, mas, para uma criança, se tornou imagem, enigma, inquietação. A fotografia (re)surge nesse instante como um modo de fazer o pensamento caminhar, como um dispositivo que amplia a percepção e que permite às crianças narrativas próprias sobre o mundo. Esse artigo nasce, assim, dessa provocação: o que as crianças veem e registram quando olham através de uma lente? Como suas fotografias tensionam e reinventam os espaços da infância e da aprendizagem?

Figura 1: No meio do caminho tinha uma garrafa



Fonte: Acervo das autoras, 2017.

O ano era 2017¹ e, na intenção de nos misturarmos com os afectos, perceptos² e devires produzidos em nossas relações com as crianças e seus familiares, propomos um movimento para além dos muros da escola. Em parceria com as famílias de uma turma de Grupo 3 (crianças de 3 anos), de um Centro de Educação Infantil (CEI), buscamos capturar, por meio de fotografias, experiências perceptivas e afetivas, tendo como obra de referência “Convento da Penha”, da artista capixaba Ângela Gomes.

Enquanto professoras, encontramos, nas obras da artista mencionada, a possibilidade de vivenciarmos junto às crianças atividades que nos permitissem nos movimentar e nos expressar. No geral, as obras têm lugar de encantamento, são provocadoras de múltiplos sentidos e afectos. No que se refere a essa autora, as obras ganham um significado ainda maior, pois retratam lugares que estão ao nosso entorno e que compõem as mais belas paisagens da cidade de Vitória – ES.

Na intenção de compor outros movimentos e de nos reconhecermos nesses espaços retratados pelas obras, combinamos com as crianças e seus familiares de nos encontrarmos no ponto turístico referenciado na obra. Lá estávamos, sem trajes de uniformes, sem o engessamento da rotina escolar (roda, lanche, atividade, pátio e saída). O perfil de aluno quieto, calado e comportado, imposto pelos modelos tradicionais de educação, não cabia naquele lugar (e não cabe em nenhum outro). É imensurável dizer quão significativo parecia ser para as crianças encontrarem os amigos da escola em um ambiente que não lhes era familiar. Como numa dança, seus corpos rodopiavam e os sorrisos rolaram feito bola de gude. Compartilhamos conversas, lanches e solicitamos às famílias que deixassem as crianças escolherem o que gostariam de fotografar, bem como também lhes permitissem segurar as câmeras ou celulares.

Nas escolas, comumente, fotografa-se. Wunder (2008, p. 1) acredita que “[...] parece haver uma busca cotidiana de imortalizar alguns instantes”, no entanto essas fotografias são

¹As memórias resgatadas aqui compuseram as intencionalidades desta pesquisa.

² “[...] não há perceptos sem afectos. Tentei definir o percepto como um conjunto de percepções e sensações que se tornaram independentes de quem o sente. Para mim, os afectos são os devires. São devires que transbordam daquele que passa por eles, que excedem as forças daquele que passa por eles. O afecto é isso” (Deleuze, 1985, p. 52).

habitualmente tiradas a partir do olhar adulto. O que buscávamos era oportunizar às crianças outras vivências com a fotografia. A partir de um olhar menos orientado, elas ficaram livres para escolher o que desejavam capturar.

Ali, não criamos expectativas quanto ao que seria fotografado. A ideia era deixar fluir a imaginação e deslizar pelas linhas que compunham aquele momento. O trabalho com as crianças é atravessado por acontecimentos, por situações inusitadas e inesperadas que nos movem cotidianamente. Quando pensamos em oportunizar às crianças esse momento fotográfico, não nos atentamos, de antemão, o quanto poderíamos ser afetados.

Revisitando as imagens fotográficas, posteriormente a esse encontro, deparamo-nos com a foto de uma garrafa no chão. O aluno J. tinha inúmeras possibilidades de captura ao seu redor (mar, árvores, parquinho, pessoas, familiares, etc.), mas o que para ele fazia sentido era a tal da garrafa. Diante daquela imagem, não buscávamos dar significado ao que tinha sido escolhido ser fotografado, mas pensávamos nos afetos que aquela fotografia havia produzido em nós.

Possibilitar a fotografia sob a perspectiva da criança nos viabilizou pensar em outros modos de nos relacionarmos com o mundo e com as próprias imagens fotográficas. Camargo e Leite (2018, p. 9) acreditam que as imagens “[...] abrem a possibilidade para pensarmos acerca de outras temporalidades no desenvolvimento da criança e, bem por isso, outros ‘currículos’ na Educação Infantil”. Diante dessa experiência, de colocá-las diante das câmeras e permitir que fotografassem, visualizamos outros modos de potencializar a educação.

A partir daí, problematizações nos impulsionaram: poderia ter a fotografia seu sentido ampliado, para além dos que (pré)existem? Pode a fotografia potencializar aprendizagens inventivas? Que pensamentos somos capazes de mover com as imagens tiradas sob a perspectiva da criança? Quais afectos são produzidos em nós com as fotografias infantis? De que modo é possível pensar as escolas, os currículos, as infâncias e as docências, a partir das fotografias tiradas pelas crianças? Não se pretende findar as inúmeras questões que nos movem ao longo deste artigo, mas pensar experiências que nos transformem e que nos ressignifiquem enquanto docentes que somos, crianças que fomos e alunos que sempre seremos, afinal, viver é uma eterna aprendizagem. Para essa pesquisa, o desejo moveu-se a partir das considerações de Leite *et al.* (2017), que consistiu em: entregar câmeras fotográficas às crianças e, assim, deixá-las livres para fotografarem e experienciarem, sem roteiro prévio, sem orientações, sem ideia fixa.

Para além do registro, fotografar é fabular, é criar um modo de estar no mundo que não se restringe ao que é visível, mas que abre caminhos para outros possíveis. É nesse espaço que esse artigo se insere, visando explorar as potencialidades da fotografia no cotidiano infantil e problematizar como essa prática se entrelaça a processos de aprendizagens inventivas. Inspirados em autores como Deleuze e Guattari (1995), que discutem a criação de signos e a invenção de sentidos, e Kastrup (2001), que nos provoca a pensar a aprendizagem como um processo que escapa ao previsível, acompanhamos o percurso fotográfico de crianças, buscando compreender como suas imagens desafiam concepções tradicionais de ensino e de infância.

Dessa forma, nos movimentos cartográficos descritos ao longo deste artigo, importou pensar e fabricar mundos outros para a educação, que fogem e escapam às lógicas dogmáticas capitalísticas a partir de fotografias produzidas por crianças entre 5 e 6 anos, de um Centro de Educação Infantil (CEI) de Vitória/ES. As atividades desenvolvidas contaram com a participação de professoras dessa mesma instituição de ensino. Como a pesquisa aconteceu em um contexto pandêmico, o que exigiu adaptações metodológicas, as famílias também contribuíram para que a participação das crianças fosse garantida.

CARTOGRAFIAS DO OLHAR: ENTRE INFÂNCIAS, PANDEMIA E FOTOGRAFIAS

As reflexões aqui traçadas emergem de uma pesquisa cartográfica, tecidas em redes de conversações (Ferraço, Carvalho, 2012). Formulada pelos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995, p. 32), a cartografia apresenta-se com um dos princípios do rizoma e “[...] é sempre por rizoma que o desejo se move e produz”. Movidas pelo desejo em se misturar com os diferentes sujeitos do cotidiano educacional, nossa aposta pela cartografia centrou-se em acompanhar processos.

Com Ferraço e Carvalho (2012), apostamos nas redes de conversações para nos aproximarmos, conhecermos e nos envolvermos com os sujeitos ao longo desta pesquisa. Justificamos tal aposta, pois consideramos que as conversações possibilitam que os sujeitos narrem e expressem suas vivências, modos de vida e experiências, “[...] procurando valorizar a voz daqueles que, imersos no cotidiano da escola, são costumeiramente desautorizados [...]” (Ferraço, Carvalho, 2012, p. 6). Outro ponto importante a ser destacado sobre a prática das redes de conversações é que estas viabilizam, também, produções e trocas de conhecimentos.

A cartografia é feita de encontros e tem caráter participativo. Assim, nas redes de conversações, compomos linhas de afetos “[...] que criam novas formas de comunalidade expansiva, o que implica assumir a ideia de ‘potência de ação coletiva’” (Ferraço, Carvalho, 2012, p. 3). Em tempos pandêmicos, de isolamento social, o ato de conversar, nos coloca em relação com o outro, expandindo a nossa potência de ser e estar no mundo. Ainda, os sujeitos dessa pesquisa não só participaram, como intervieram e protagonizaram em todo o processo.

Garantir a participação dos sujeitos envolvidos na pesquisa cartográfica significa fazer valer o protagonismo do objeto e a sua inclusão ativa no processo de produção de conhecimento, o que por si só intervém na realidade, já que desestabiliza os modos de organização do conhecimento e das instituições marcados pela hierarquia dos diferentes e pelo corporativismo dos iguais (Kastrup, Passos, 2013, p. 8-9).

O método cartográfico se distancia das metodologias constituídas pelas ciências modernas, as quais baseiam-se em métodos hierárquicos de pesquisa. Nossas intencionalidades, então, não se concentraram em levantar/interpretar dados e/ou estabelecer conclusões, e essa reversão “[...] consiste numa aposta na experimentação do pensamento – um método não para ser aplicado, mas para ser experimentado e assumido como atitude” (Passos, Kastrup, Escóssia, 2015, p. 10).

Dessa forma, cartografar fotografias sob a perspectiva infantil esteve para além de cristalizar resultados. O trabalho do cartógrafo não é o de buscar um fim, mas é o de se deslizar pelas linhas dos cotidianos, estando disponível aos acasos que ele nos oferece. A aposta foi se envolver com os diferentes sujeitos que praticam tais cotidianos, vivenciando, experimentando, afetando e sendo afetados.

Figura 2: “Cidade dos brinquedos”



Fonte: Acervo das autoras, 2021.

Para essa pesquisa, não sabíamos de antemão os efeitos e caminhos a serem trilhados. Não era possível prever quais seriam os “encontros” e o que esses “encontros” produziriam. O cartógrafo, na pesquisa cartográfica, não chega a “campo” com roteiro fechado e passo a passo definido. Nas palavras de Oliveira e Paraíso (2012, p. 161), pesquisar é estar “[...] sujeito à sorte, ao tempo, aos lugares, à hora, ao perigo. O imprevisto vem sempre turbilhoná-la”. Nesse percurso de errância e abertura ao acaso, a Figura 2 nos instiga a pensar os territórios inventados pelas crianças em meio ao confinamento. Não se trata de um cenário dirigido, mas de um agenciamento criativo entre objetos, espaços e sentidos. A fotografia anuncia a potência da infância em fabricar mundos possíveis com o que está ao alcance, compondo com a lógica imprevisível da cartografia.

O convite às famílias foi feito por *e-mail*, enviado pela coordenação do Centro de Educação Infantil, com a proposta da pesquisa e o convite para que as crianças fotografassem de forma espontânea. Nós, pesquisadoras, nos dispusemos a entregar uma câmera fotográfica (modelo profissional) nas residências das famílias interessadas. A entrega e retirada ocorreram nas portarias, em sistema de rodízio, e cada criança permaneceu com a câmera por quatro dias. Após essa etapa, realizamos um encontro virtual com as crianças e a professora da turma para dialogar sobre as fotografias e compor pensamentos outros. Os diálogos apresentados ao longo deste artigo, bem como algumas legendas, foram extraídos dessas conversações.

Para que pudéssemos, ainda, movimentar pensamentos, convidamos as professoras da instituição para movimentos de conversação, através da plataforma *GoogleMeet*. Em razão das inúmeras atividades exercidas por cada uma ao longo da semana e, consequentemente, a incompatibilidade de horário entre elas, optamos por realizar mais de um encontro virtual no qual estivessem presentes pelo menos uma professora e a pesquisadora. Esses encontros não consistiram em interpretar ou dar significado às fotografias capturadas pelas crianças, mas afirmar a força das imagens produzidas e tecer problematizações acerca da temática proposta. Encontros tecidos em redes de conversações, que provocam movimentos de pensamento, aumentam a nossa

potência de agir e nos impulsionam a ressignificar e reinventar outros mundos possíveis para a educação.

As contribuições das professoras nos encontros virtuais, bem como das crianças, permitiram, ainda, que esse estudo se pluralizasse e que nós nos entrecruzássemos mesmo em tempos de afastamento social. Assim, todas as fotografias dispostas ao longo do artigo foram produzidas pelas crianças que protagonizaram esta pesquisa.

“VOCÊ PODE MANDAR PARA A INTERNET PARA AS PESSOAS VEREM E DAR JOINHA?”: FOTOGRAFIAS, CRIANÇAS E COTIDIANO

Se as crianças conseguissem que seus protestos, ou simplesmente suas questões, fossem ouvidos em uma escola maternal, isso seria o bastante para explodir o conjunto do sistema de ensino.
Gilles Deleuze

No que se refere ao contexto educacional, são inúmeras as questões que nos movem. Por vezes nos questionamos: qual seria o sentido em dar visibilidade aos sujeitos que praticam os cotidianos das escolas?! Em que consiste pesquisar a vida que pulsa e não para de se movimentar nos territórios escolares? Na realidade, Leite e Leite (2014, p. 84) nos ajudam a entender que “[...] são os caminhos que as crianças produzem que acabam por produzir a pesquisa e o pesquisar”, e, sim, há uma insistência da nossa parte em produzir e compor caminhos outros com as crianças, caminhos ziguezagueantes, caminhos escriturísticos, caminhos viajantes, caminhos-pesquisas.

Nessas caminhadas, somos mobilizados não somente pelas experiências vividas com as crianças que nos transformam diariamente, mas há também uma constante busca por nós mesmos (Ferraço, 2008). Nossa história de vida, os lugares e os acontecimentos da infância também contribuem na composição dos caminhos-pesquisas – “[...] talvez escrever sobre a criança também seja um movimento de estar submerso nela e com ela” (Leite, Camargo, 2020, p. 11). Entretanto, buscar a criança que fomos nada tem a ver com tornar-se uma novamente, pois é como expande Kohan (2007, p. 96), um devir-criança sendo “[...] uma força que extrai, da idade que se tem, do corpo que se é, os fluxos e as partículas que dão lugar a uma ‘involução criadora’”.

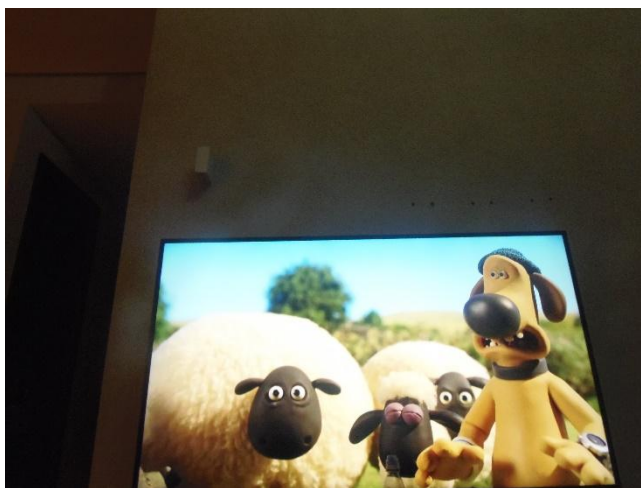
Ainda, produzir pesquisas com crianças é compreender que elas estão para além da cronologia do tempo do relógio ou da etapa do desenvolvimento: “[...] o próprio da criança é ser não apenas uma etapa, uma fase numerável ou quantificável da vida humana, mas um reinado marcado por outra relação – intensiva – com movimento” (Kohan, 2007, p. 87). Um devir-criança como potência para pensar outro tempo, para escapar do tempo enrijecido dos adultos, das ideias amarradas, do tempo cronometrado e segmentado.

São sujeitos da experiência que encontram na vida, oportunidade para descobrir, experimentar, testar e vivenciar. Infância do inusitado, do inesperado. Sobre a infância, Kohan (2007, p. 94) pontua a existência de duas: uma é a majoritária, que segue uma linha de um tempo cronológico, das etapas do desenvolvimento, “[...] essa criança segue o tempo da progressão sequencial: seremos primeiro bebês, depois, crianças, adolescentes, jovens, adultos, velhos”. Já, a outra não segue essa sequência cronológica, é um devir-criança que resiste às linhas retas, reinventando e ressignificando as etapas do desenvolvimento. Essa infância é pensada a partir da

experiência, dos acontecimentos e das quebras de clichê, “[...] infância que resiste aos movimentos concêntricos, arborizados, totalizantes: a criança autista, o aluno nota dez, o menino violento” (Kohan, 2007, p. 94). Contudo, a ideia não é pensar em ambas de modo distinto, ou como opções, em que escolhemos uma ou outra. A aposta é misturarmos essas duas temporalidades, entendendo que podem compor uma com a outra. Seremos crianças e um dia adultos, mas seremos sujeitos das experiências, dos possíveis, das rupturas, das criações.

As discussões acerca das crianças nos últimos anos nos indicam caminhos para pensá-las como multiplicidade ou como pluralidade. Nesse sentido, não seria possível referir-se a criança ou infância no singular, já que “[...] ser criança não implica em ter que vivenciar um único tipo de infância. As crianças, por serem crianças, não estão condicionadas às mesmas experiências” (Brasil, 2009, p. 22).

Figura 3: “As crianças vão adorar”



Fonte: Acervo das autoras, 2021.

É por pensarmos as infâncias como abertura ao novo, como resistência a modelos fechados, como revolução, como reinvenção, que apostamos nos usos fotográficos sob as suas perspectivas. Estamos exauridos do olhar adultocêntrico, “[...] sempre cheio de sentidos, de ideias, de análises, olhar povoado de desejos de ver algo, desejo em ver [...]” (Leite, Leite, 2014, p. 85). O olhar infantil é o que inventa, que cria novos mundos, que produz novos sentidos, que ressignifica práticas e fazeres pedagógicos, que desconstrói saberes. Ao fotografarem, as crianças olham o mundo a partir de suas perspectivas, quebrando assim a forma como ele se apresenta a nós.

- Por que você tirou foto dessas ovelhas e desses cachorros? (Mãe)
- Porque desenhos são maneiros. (Criança)
- Mas então porque tirou desse e não tirou daquele que você gosta, o “Capitão Cueca?” (Mãe)
- Porque eu não achei ele. (Criança)
- E o que tem nessa foto? (Mãe)
- O cachorro e as ovelhas, “méééé” - *responde sorrindo, imitando o som com entusiasmo, como quem se diverte com a própria invenção.*

-
- “Cachorro faz mééé”? - *a mãe ri, surpresa.*
– Sim, cachorro faz “mééé” - *a criança responde com firmeza e brilho nos olhos, como quem reafirma uma verdade incontestável.*

Ao observarmos as fotografias tiradas pelas crianças participantes dessa pesquisa, percebemos que todas haviam fotografado cenas das televisões de suas respectivas casas. O desenho infantil é algo que essas crianças conseguem acessar com muita facilidade e, em tempos pandêmicos, de atividades escolares suspensas, em que o ir e vir foi restrito, a televisão veio ocupando um grande espaço no cotidiano delas.

“Aparece o desenho animado... que é uma questão. Ele tem horário para assistir televisão, então ele fica ansioso, doido pra chegar as 10 da manhã e as 16 horas, que é o horário que ele pode assistir, e aí ele resolveu clicar cenas do desenho que ele gosta” (Mãe). O relato da mãe não é algo isolado ou incomum. Muitas crianças estão imersas nesses contextos de consumo televisivo e não importa, para nós, quantificar e contabilizar aquilo que é usado. Aparece o desenho animado... que é uma questão. Ele tem horário para assistir televisão, então ele fica ansioso, doido pra chegar as 10 da manhã e as 16 horas, que é o horário que ele pode assistir, e aí ele resolveu clicar cenas do desenho que ele gosta” (Mãe). O relato da mãe não é algo isolado ou incomum. Muitas crianças estão imersas nesses contextos de consumo televisivo e não importa, para nós, quantificar e contabilizar aquilo que é usado. A partir dessas fotografias, não se pretende interpretá-las, mas tensionar o olhar, interrogando nossos modos de ver, sentir e pensar as infâncias. Trata-se também de nos abirmos às provocações que elas suscitam, permitindo outras formas de escuta e atenção ao modo como a criança habita o mundo.

[A televisão é] disparador hoje muito real pra crianças, que faz muito parte desse momento de suspensão da escola como espaço infantil, de habitação dos corpos infantis. A televisão, ela veio territorializar esse espaço, porque as famílias precisam trabalhar (Professora).

Essas fotografias nos fizeram viajar nas trilhas da filosofia da diferença (Lapoujade, 2017), pensando a diferença produzida pelas crianças, a partir da repetição, ou seja, no ato de fazer o mesmo cotidianamente, principalmente em tempos pandêmicos, em que as rotinas das famílias se limitaram aos espaços da casa. Tal ideia nos leva ao encontro de Charlie Chaplin, que, em seu filme “Tempos Modernos”, nos apresenta múltiplas possibilidades de criar algo novo com o mesmo, assim, ultrapassando os limites dos objetos que lhe são impostos.

Embora as “imagens” televisivas sejam da ordem do que já está pré-fabricado, do que já está dado, o cotidiano se inventa de mil maneiras e, nesse sentido, as crianças, ao assistirem televisão, podem provocar deslocamentos, movimentos e efeitos imprevistos. Pensemos, então, que, a partir da repetição cotidiana, com seus jogos, seus desenhos, suas produções artísticas, é possível construir possibilidades outras, para além do que está determinado pelas mídias, pois “[...] a repetição é a potência da diferença” (Lapoujade, 2017, p. 68). As crianças podem transformar em outra coisa aquilo que está instituído. Sobre isso, Brito e Zanella (2016, p. 353) afirmam:

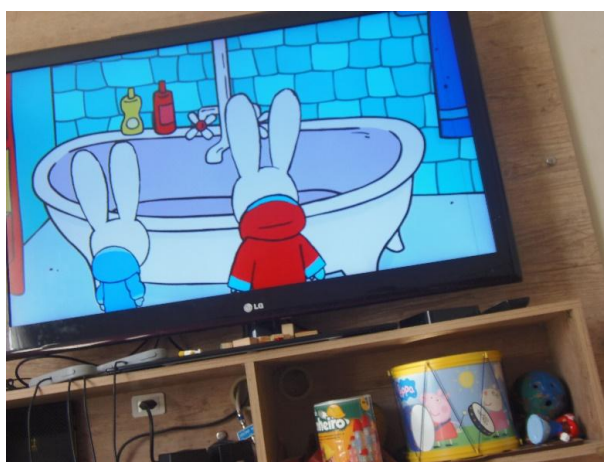
Os locais, assim como as experiências, podem parecer os mesmos, todavia, é a sensibilidade dos olhos e do corpo, de forma geral, que malogra e veta a percepção dos detalhes, a dobra das curvas. Se a repetição se dá na dimensão do sensível é a partir dela que pensaremos as rupturas possíveis. O olhar desperto, ao contrário, detecta formas

para além do xadrez, registra minúcias, fotografa o silêncio. As supostas repetições estão para além [...].

Há de se concordar que os sistemas de produção (como os televisivos) não dão espaço para que os “consumidores” – nesse caso, as crianças – marquem o que pode ser ali produzido. Esses artefatos (televisão, jogos, videogames) não são pensados para dar abertura à criação, à autoria, ao novo, importando assim o consumo por ele próprio. No entanto, não se trata de uma passividade absoluta: mesmo diante de dispositivos que buscam capturar e conduzir os modos de ver, pensar e agir, criamos brechas, inventamos linhas de fuga e mobilizamos pequenas manobras que tensionam esses dispositivos. Deleuze (2018, p. 8) pontua que “[...] nossa vida moderna é tal que, encontrando-nos diante das repetições mais mecânicas, mais estereotipadas, fora de nós e em nós, não cessamos de extrair delas pequenas diferenças, variantes e modificações”.

A partir dessas fotografias, podemos pensar ainda com Kastrup (2001) sobre o paradoxo da aprendizagem inventiva, que consiste justamente no perder tempo, “[...] envolve também, de modo inelutável, um trabalho, uma repetição, uma disciplina, uma série de experiências, de exercícios e práticas [...]” (Kastrup, 2001, p. 24). Nesse sentido, as fotografias das imagens televisivas nos puseram a pensar sobre essas diferenças e aprendizagens produzidas no ato da repetição. Pensemos nas possibilidades de conversa com os sujeitos do cotidiano sobre esses usos e consumos a partir dos desenhos infantis. Assistir televisão pode ser “[...] uma prática significativa que não consiste em receber pronto, mas em se fabricar tudo o que nos é oferecido para viver, pensar e sonhar. (Carvalho, Silva, 2009, p. 11)

Figura 4: “Simon e Gaspar”



Fonte: Acervo das autoras, 2021.

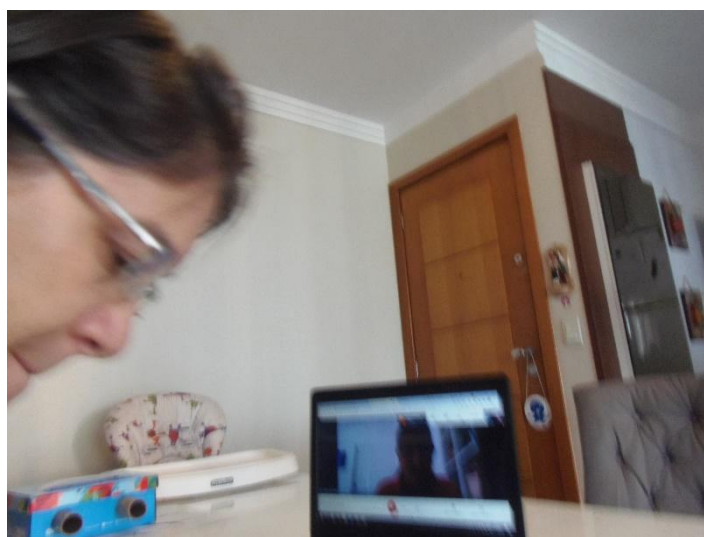
- Que desenho é esse que você tirou foto? (Pesquisadora)
- É do Simon - *repete a criança, dessa vez mais devagar, como se estivesse esperando a pergunta terminar antes de responder.*
- Você gosta de ver esse desenho? O que eles são? - *insiste a pesquisadora*
- É do Simon. Eles são coelhos e são irmãos - *completa, olhando de lado por um instante, talvez tentando lembrar ou buscando o rosto de alguém fora da tela*
- Eles fazem muita bagunça? (Pesquisadora)

- Não... Mas quando eles fazem, eles arrumam e botam aí dentro de propósito - *conclui com voz calma, como quem compartilha algo que sabe bem, mesmo à distância.*

Os usos televisivos são recorrentemente debatidos entre as diferentes famílias. Há uma certa preocupação em relação ao tempo e às expectativas do que pode ser produzido com isso. No que tange ao cenário pandêmico vivido ao redor do mundo, as mídias viraram protagonistas nas rotinas familiares e isso resultou maior centralidade das experiências “virtuais” e, consequentemente, mais tempo de tela.

Escolas fechadas e convívio social restrito e isolamento e rotinas alteradas. Certamente, permanecer em casa por mais tempo causou grandes mudanças nos hábitos, no cotidiano e nas relações entre as pessoas. Atividades que aconteciam em espaços de aprendizagem foram forçadas a acontecer virtualmente, como jogos e conversas. “A COVID-19 nos obrigou a refletir sobre as sociabilidades e os nossos modos de comportamento ante a realidade objetiva da vida em meio à letalidade do vírus” (Santos, Caetano, 2020, p. 237).

Figura 5: Entre as coisas, intermezzo.



Fonte: Acervo das autoras, 2021.

Essa foto me remete ao esforço de algumas famílias, [que], ainda que sabendo dos limites das interações virtuais, tentaram garantir esses momentos para seus filhos, compreendendo a importância da conversa entre crianças e escola. Uma conversa não necessariamente voltada a um ensino remoto, mas no sentido de entender que a escola tem muito a contribuir na formação das crianças, ainda que não fosse uma aula. Nessas conversas que tivemos, outros processos formativos e educativos foram possíveis. Essa família, por exemplo, experimentou muita coisa. (Professora L.)

Tempos de suspensão das aulas. Tempos fora da escola. Tempo de repensar. Tempo de esperar. Como foi para a maquinaria capitalística lidar com esses novos tempos? Sociedade do consumo, em que os sujeitos precisam consumir... Consumir conteúdos, consumir atividades, consumir escolas, consumir produtos. Tempos de perdas? Tempos perdido? Não. Tempo de (re)pensar, tempo de (re)aprender, um aprender outro, um aprender entre crianças, professores,

famílias, um aprender com. Tempos rizomáticos, em que tudo acontece misturado e ao mesmo tempo.

As fotografias produzidas pelas crianças retrataram muito o contexto da pandemia, suas rotinas em meio ao caos, suas percepções sobre outras formas de interação e relação com o outro para além do contato físico. São imagens que nos saltam aos olhos e nos convidaram a problematizar, ainda, a capacidade criadora da criança, que, mesmo em tempos complexos, reinventa espaços para aprendizagens, produz diferença no ato de fazer o mesmo, transpondo os limites do território.

Para além dos meios utilizados nos cotidianos das instituições, como exemplo das atividades em folha, a escola, junto aos familiares, revelou outros percursos, outras formas de composição. Possibilidades de criar brinquedos, possibilidade de os professores conhecerem as casas das crianças, possibilidade do fazer com a família, de inventar, de produzir. “Ele fotografou um fantoche que fizemos com meia. Fiquei curiosa e perguntei: por que você tirou essa foto? Ele respondeu: ‘eu tiro foto de tudo que está na minha frente’” (Mãe).

Fotografias de desenhos, de pés, de brinquedos. Imagens que movimentam pensamentos, abrem caminho ao novo, bagunçam ideias, cortam a pele. Fotografias como ato de resistência, que criam outros mundos e não se deixam reduzir ao “é isso ou aquilo”. Reafirmam a vida como invenção de problemas, não como sua resolução. Fotografias de cenas comuns que nos abrem a pensar nos acontecimentos que se repetem cotidianamente e produzem a diferença tal como nos ensina Deleuze (2011). Fotografias que não buscam sentidos, “[...] não estão ali para ser analisadas, interpretadas, mas, estando na origem, estão, onde estão, para poder ‘com’ elas pensar, ensaiar” (Leite, Leite, 2014, p. 82).

“UM DIA NO MEU MUNDO E EU ESTOU NELE HOJE”: FOTOGRAFIAS, CRIANÇAS E CIDADES...

Estudos feitos sobre a pandemia que se instaurou no Brasil e no mundo indicaram que o ambiente urbano é um dos principais espaços de transmissão do vírus. Assim, diante da letalidade dessa doença, crianças e adultos se viram restritos aos espaços da casa, para que fosse possível conter a disseminação do SARS-CoV2. As imagens que as crianças produziram chamaram a nossa atenção quanto a essa possível “saude” dos movimentos intensivos nos inúmeros espaços das cidades, dos quais fomos privados durante um longo período, no ano de 2020 e nos primeiros meses de 2021. A fotografia abaixo (Figura 6), acompanhada da fala enunciada pela criança “gosto muito do céu e das árvores”, captura não apenas a paisagem visível da janela, mas também a potência do olhar infantil que, mesmo limitado pelas grades e pelo confinamento, busca o respiro do mundo de fora. Há aqui uma fabulação do possível: o céu, as árvores e o desejo de estar para além do dentro. Essa imagem não ilustra, mas convoca a pensar o modo como a criança se relaciona com o mundo, e como, mesmo em tempos de isolamento, ela encontrou frestas para manter viva a sua relação com a natureza, o movimento e a liberdade.

Figura 6: “Gosto muito do céu e das árvores”



Fonte: Acervo das autoras, 2021.

Para Deleuze (2003), o que nos põe a pensar é mais importante do que o próprio pensamento e, assim, as fotografias tiradas sob a perspectiva das crianças nos colocaram a pensar sobre as possíveis relações afetivas delas com a cidade, suscitando uma vontade de pertencimento aos espaços públicos, uma necessidade de autonomia, de poder caminhar, circular nos ambientes, de experimentar, de ver e viver a cidade.

Como que ela consegue perpassar por essa terra, num momento que é preciso ficar retida, presa em casa, em afastamento, em isolamento, distante dos amigos, distante da escola, num contato muito restrito com pessoas? E a falta da natureza “naturante”, de estar com a natureza, de compor com a natureza, fazer parte da árvore, de sentir a brisa e ao mesmo tempo estar ali naquele momento lúdico que a criança traz de imaginação, de fantasia e tentando compor com o que está fora, sempre nesse sentido do dentro e do fora?! (Professora LR).

A pandemia nos impossibilitou circular entre esses espaços como fazemos corriqueiramente, contudo, nos provocou a pensar – junto às fotografias – no quanto temos nos deixado levar pelas formas de servidão e sujeição, pelas linhas endurecidas do cotidiano que aniquilam a potência existente nas cidades. Brito e Zanella (2016, p. 352) falam sobre a importância de nos lançarmos ao inexplorado e experimentarmos “[...] as possibilidades de viver a cidade não mais em trânsito circular e ordenado, porém, como um cruzar de forças que se chocam, se cruzam e se deformam”.

- O vovô A., ele dá água de coco, e eu também fiz uma fotografia do Flokis. (Criança)
- E por que você quis tirar foto dele? (Pesquisadora)
- Ah, ele pediu uma hora também... E a outra é a água de coco, que eu gosto bastante, e ele estava botando - *a criança pausa, olhando para o lado, como se revivesse a cena na lembrança.*
- Ele te trata bem quando você vai lá? (Pesquisadora)
- Sim - *responde com um aceno de cabeça afirmativo, olhos fixos na tela.*

-
- Ah, é? O que ele faz com você? (Pesquisadora)
 - Água de coco... De graça, no copinho - *a criança responde com um risinho tímido, olhando rapidamente para alguém fora do campo da câmera do computador.*

Atenção, pare, siga, ande, veja. Placas, sinais, semáforos, setas, ordens espaciais e propagandas estruturam modos de existir na cidade, organizando fluxos e moldando comportamentos. “(...) todos esses aparatos heterogêneos de enunciação colocam os modos de se estar na cidade com um lugar de trânsito que precisa ser direcionado a todo tempo (...)” (Bom-Tempo, 2016, p. 274). Diante disso, perguntamo-nos: é possível resistir, criar desvios e escapar da rigidez urbana? As fotografias provocaram essa reflexão. Com Deleuze e Guattari (1985, p. 32), pensamos nas linhas de fuga que mobilizam forças e fazem vazar as segmentações da cidade — “[...] é tão importante pensar a outra operação, inversa e não simétrica”. Linhas que desconstroem, reinventam percursos e recusam formas fixas de sujeição. Sobre essa formatação endurecida da cidade, Bom-Tempo (2016, p. 373) critica:

Tal lógica, que formata a existência urbana contemporânea, tende a abolir as invenções de outros modos de vida que escapem àqueles dados como possíveis e desejáveis. No entanto, esses fluxos seguem desviando e escapando ao controle e ao cálculo.

Ruas vazias, poucos carros, muitas ambulâncias, motociclistas fazendo “entregas” aos moradores. Devido ao vírus, não mais caminhadas, não mais curvas e direções a serem seguidas. O “siga, vire, retorne, pare, entre”, virou “proibido caminhar”, “proibido banho de mar”, “proibido circular”. Como pertencer à cidade em tempos de restrição? Como viver esse espaço? No contexto da pandemia, crianças e adultos tiveram que encontrar modo de ser e estar nos espaços de casa, criando – quem sabe – outros sentidos para eles.

Com as fotografias das crianças em tempos de pandemia, pensamos no faz de conta, na brincadeira, como espaço para outras possibilidades, como “[...] ação que profana, que cria rupturas, que transforma pau de vassoura em cavalo, caneta em avião, vassoura em guitarra, esta ação transformadora, de-formadora, abusada [...]” (Leite, Leite, 2014, p.91). Se lá fora eu não posso estar, aqui dentro a vida há de pulsar. É nesse contexto que a Figura 7 nos atravessa, não como ausência, mas como espaço de suspensão, de pausa criadora, onde algo ainda pode emergir. Inventa-se a cidade, criam-se outros sentidos, imagina-se, sonha-se, constroem-se mil maneiras de praticar e utilizar o espaço.

Figura 7: Vazio



Fonte: Acervo das autoras, 2021.

Com as imagens e infâncias, fomos e somos convidados a desprender-nos dos círculos que direcionam a vida e “[...] experimentar outras formas possíveis de caminhar, olhar e inscrever-se na existência” (Brito, Zanella, 2016, p. 354), e ainda, criar caminhos outros quando tudo parecer instituído, fugir ao óbvio, escapar e se lançar ao desconhecido, fazendo vazar os fluxos direcionados, lá onde a vida aprisiona.

QUANDO A FOTOGRAFIA TERMINA, O OLHAR CONTINUA: NOTAS SOBRE UM (IN)FIM

Em meio às potências das discussões proporcionadas pelas fotografias tiradas sob as perspectivas das crianças, não poderíamos fazer desses escritos uma viagem rumo ao ponto final – pelo contrário, os diálogos se desdobraram constantemente, fazendo desse percurso um processo infundável. Assim, nosso desejo consiste na não finalização deste artigo, e que ele se lance rumo ao infinito, provocando outras discussões e problematizações acerca das infâncias, das escolas, das docências, dos currículos e da educação de modo geral.

Ao iniciarmos essa pesquisa, propusemo-nos a pensar a fotografia para além da lógica da representação. Fazemos parte de uma sociedade do clichê e fotografa-se, habitualmente, seja no contexto familiar, seja no contexto escolar, com o intuito de mostrar algo a alguém. Diante das imagens produzidas pelas crianças, tomamos a fotografia como um signo artístico, aberto à criação, um experimento, uma busca por novos sentidos, uma provocação aos clichês. Imagens que nos instigaram a um pensar que não está dado, mas que é possível produzir. Embora tenha sido realizada de modo individual, visto que o isolamento social fazia parte do nosso cotidiano, a pesquisa aconteceu de modo coletivo, afirmando a potência da multiplicidade, pois, como dizem Deleuze e Guattari (1985, p. 56) “[...] o deserto é povoado”. Junto aos encontros entre os corpos, mesmo que de modo remoto, fomos transbordados.

Pelas fotografias, as crianças puderam fazer outros usos dos espaços que a elas estavam dispostos, outros usos dos corpos, da língua, dos brinquedos, reinventando modos de ser e estar no mundo, principalmente em tempos pandêmicos. Com Camargo e Leite (2018, p. 9) afirmamos:

“[...] as pesquisas de produção de imagens com crianças nos sugerem outros modos para pensar o ‘pesquisar’ com crianças pequenas, a pesquisa na escola, os trabalhos com professores”. Por fim, encontramos alternativas capazes de transformar e ressignificar os usos fotográficos, ainda que esses movimentos sejam minúsculos perto da grandeza que é a vida. Não buscamos interpretar, mas experimentar e pensar outros mundos possíveis junto às crianças.

REFERÊNCIAS

- BOM-TEMPO, Juliana. Imagens em performance: vazamentos urbanos na produção de uma educação por afetos. In: LEMOS, Flávia; GALINDO, Dolores; BICALHO, Pedro; OLIVEIRA, Flávio; SANTOS, Arthur; ELMESCANY, Érica; ALMEIDA, Mário. (Org.). *Criações Transversais com Gilles Deleuze: artes, saberes e política*. 1 ed. Curitiba: CRV, 2016. p. 373-386. DOI: 10.24824/978854441156.8
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil*. Brasília, DF: MEC/SEB, 2009.
- BRITO, Renan Alves; ZANELLA, Andréa Vieira. Comunidade na Praça Pública. In: LEMOS, Flávia; GALINDO, Dolores; BICALHO, Pedro; OLIVEIRA, Flávio; SANTOS, Arthur; ELMESCANY, Érica; ALMEIDA, Mário. (Org.). *Criações Transversais com Gilles Deleuze: artes, saberes e política*. 1ed. Curitiba: CRV, 2016, v. 6, p. 349-370. DOI: 10.24824/978854441156.8
- CAMARGO, Andréia; LEITE, César. Infância, imagem e formação docente: entre experiências, saberes e poderes na Educação Infantil. *Childhood & Philosophy*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 30, p. 277-296, maio/ago., 2018. DOI: <https://doi.org/10.12957/childphilo.2018.32042>
- CARVALHO, Maria Aparecida; SILVA, Rosana Borges. *Televisão e infância: um olhar sociocultural sobre o consumo midiático*. São Paulo: Cortez, 2009.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 1. São Paulo: Editora 34, 1995.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 2. São Paulo: Editora 34, 1985.
- DELEUZE, Gilles. *O que é a Filosofia?* Rio de Janeiro: Editora 34, 2003.
- DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2011.
- DELEUZE, Gilles. *A ilha deserta e outros textos*. São Paulo: Iluminuras, 2018.
- FERRAÇO, Carlos Eduardo; PEREZ, Carmen Lúcia; OLIVEIRA, Inês Barbosa. (Orgs.). *Aprendizagens cotidianas com a pesquisa: novas reflexões em pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas*. Petrópolis: DP et Alii. p. 180, 2008.
- FERRAÇO, Carlos Eduardo; CARVALHO, Janete. Currículo, cotidiano e conversações. *Revista e Curriculum*, v. 8, n.2, p. 1-17, 2012. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/curriculum/article/view/10985>. Acesso em 3 jul. de 2025.
- KASTRUP, Virgínia. Aprendizagem, arte e invenção. *Psicologia em estudo*, Maringá, v. 6, n. 1, p. 17-27, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1984-02922013000200004>
- KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. Cartografar é traçar um plano comum. *Fractal, Revista Psicologia*. v. 25, n. 2, p. 263-280, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1984-02922013000200004>
- KOHAN, Walter. *Infância, estrangeiridade e ignorância: Ensaio de filosofia em educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- LAPOUJADE, David. *Deleuze, os movimentos aberrantes*. São Paulo: n-1 edições, 2017.

LEITE, César *et al.* Infâncias, olhares e montagens: experiências e pesquisas com crianças e educação. *ETD- Educação Temática Digital*, Campinas, v. 19, n. 2, p. 338-359, 2017. Disponível em <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8647544>. Acesso em 3 jul. 2025.

LEITE, César; CAMARGO, Andréia Regina de Oliveira. Desaprender a cada tempo em tempos pandêmicos: crianças, artes e outros contágios. *Zero a seis*, v. 22, n. Especial, p. 1446-1464, dez./dez., 2020. DOI: <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2020v22nespp1446>

LEITE, César Donizetti Pereira; LEITE, Adriana Regina Isler Pereira. Imagens como epígrafe: imagens lúdicas de experiência infantil. *RevistAleph*, Rio de Janeiro, n. 22, 2014. DOI: <https://doi.org/10.22409/revistaleph.v0i22.39079>

OLIVEIRA, Thiago Rannieri Moreira; PARAÍSO, Marlucy Alves. Mapas, dança, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em educação. *Pro-Posições*, v. 23, n. 3, p. 159–178, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-73072012000300010>

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015.

SANTOS, Núbia. *Arte contemporânea: cartografias das narrativas poéticas com crianças e adultos na escola e no museu*. 2019. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.

SANTOS, Luciane; CAETANO, Marcio. “Mamãe vamos nos esconder?”: as artes criancieiras em tempos de monstruosidades necropolíticas. In: CARVALHO, Janete; KRETLI, Sandra; DELBONI, Tânia (Org.). *Currículo e estética da arte de educar*. Curitiba: CRV, 2020. 476 p.

WUNDER, Alik. *Restos quase mortais: fotografia, acontecimento e escola*. Trabalho apresentado na 31ª Reunião Anual da ANPED – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em:

<https://www.rematec.net.br/index.php/rematec/article/download/141/138/138>. Acesso em: 3 jul. 2025.

Submetido em 08 de março de 2025

Aprovado em 03 de junho de 2025

Informações das autoras

Manuela Rosa Machado Ribeiro
Universidade Federal do Espírito Santo
E-mail: manuela.ribeiro@edu.ufes.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6390-4777>
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8748904873717371>

Larissa Ferreira Rodrigues Gomes
Universidade Federal do Espírito Santo
E-mail: larissa.rodrigues@ufes.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3256-2652>
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8966483295370868>